



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA – DLI

MARILENE DE ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO CONTO “UMA GALINHA”
DE CLARICE LISPECTOR**

Itabaiana/SE

2017

MARILENE DE ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO CONTO “UMA GALINHA”
DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras/DLI da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito de obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jeane de Cássia Nascimento Santos

Itabaiana/SE

2017

MARILENE DE ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO CONTO “UMA GALINHA”
DE CLARICE LISPECTOR**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras Português e aprovado em sua forma final pelo curso de Letras Português da Universidade Federal de Sergipe.

Itabaiana, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jeane de Cássia Nascimento Santos – Orientadora
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Prof^a. Dr^a. Adriana Sacramento de Oliveira – Examinadora
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Ao Rei dos Reis, Deus! Minha maior fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou grata a Deus, minha maior fonte de inspiração, pois sem ele não teria sido possível enfrentar essa longa caminhada acadêmica, que durou cerca de quatro anos e meio. Caminhada essa cheia de muitos desafios, viagens cansativas, mas também de grandes conhecimentos adquiridos, por isso te agradeço, Senhor Deus, por ter me dado forças para que eu não desistisse e chegasse até o fim.

Em segundo lugar, agradeço aos meus amados pais, Cicero e Marinalva, exemplos de dignidade familiar, que sempre me incentivaram a lutar pelos meus estudos, apoiando minhas decisões pessoais e profissionais. Esta conquista não é só minha, pois tudo o que conquistei e sou devo a vocês, meus maiores tesouros. **Pai e mãe, te amo!**

Aos meus irmãos, Eliene, Eliana e Marcos, pelo carinho de sempre comigo. Obrigada pela força nos dias tão corridos de provas e por terem compreendido a minha ausência longe de vocês. Também agradeço à minha família, vovó Pureza, tios e tias, primos e primas, em especial a Flaviane, que esteve ao meu lado desde a nossa aprovação na universidade até o término da graduação. Obrigada, querida, por compartilharmos, juntas, nossos sonhos. Além disso, aos demais familiares agradeço pela torcida.

Sou grata à turma do curso de Letras 2016.2 pela companhia a cada dia de aula e pelos preciosos momentos vivenciados ao longo desses anos, principalmente à minha equipe de trabalhos acadêmicos: Carla, Clécio, Marta e Vanessa. Apesar de nossos estresses, soubemos conservar nossa amizade. Vocês se tornaram mais que amigos, grandes irmãos que conquistei e os levarei em meu coração da UFS para a vida.

Aos professores e mestres do DLI e à minha orientadora de TCC, Jeane Nascimento, meu muitíssimo obrigada pelos ensinamentos passados e pela troca de conhecimentos. Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação, sou grata por tudo.

“As mulheres são incríveis, conseguem sorrir mesmo quando estão a morrer por dentro”.

Clarice Lispector

RESUMO

As mulheres vêm conquistando espaços e posições sociais importantes na sociedade. Apesar de alguns direitos conquistados por meio de lutas feministas enfrentadas há algumas décadas, o homem ainda continua sendo mais privilegiado no meio social em relação à mulher. Baseando-nos nas tradições patriarcais impostas à mulher e às famílias durante o século passado e comparando-as com as da sociedade pós-moderna, propusemos analisar as transformações culturais ocorridas entre as distintas sociedades, a patriarcal e a moderna, de modo a verificar como se deu o processo de construção da identidade feminina, em meio a uma sociedade tão machista, capitalista e violenta como a brasileira. Com esse objetivo, observamos, no conto “Uma galinha”, de Clarice Lispector, como a mulher passou a ser vista e tratada no período moderno, analisando valores culturais femininos relacionados a papel familiar, maternidade, condição social da mulher no cotidiano e no espaço da casa, além da subordinação ao homem, se isso ainda se conserva nos dias atuais. Como arcabouço teórico, utilizamos estudos sobre a origem do gênero conto e sobre a criação das personagens literárias de ficção, a partir de Gotlib (2006), Cortázar (2008), Candido (2007) e Brait (1985), além de textos de Elódia Xavier (1998) e Heleieth Saffioti (2004) voltados para a construção das relações familiares patriarcais e da violência contra a mulher. Chamamos a atenção, nesse contexto, para o fato de que os estudos da construção da identidade feminina contribuem para demonstrar que o domínio do patriarcalismo permanece vivo na sociedade moderna e colocam as mulheres em patamares sociais diferentes em relação ao homem.

Palavras-chave: Mulher. Família. Espaço doméstico. Violência.

ABSTRACT

Women have been gaining important social spaces and positions in society. Despite some rights won through feminist struggles faced in a few decades ago, man still remains more privileged in the social environment in relation to women. Based on the patriarchal traditions imposed on women and families during the last century and comparing them with those of postmodernist society, we proposed to analyze the cultural transformations that took place between the different societies, Patriarchal and modern, Verify how the process of construction of the feminine identity took place, in the middle of a society as macho, capitalist and violent as the Brazilian one. With this aim in mind, in Lispector's short story "A Chicken", we observed how women came to be seen and treated in modern period, analyzing female cultural values related to the family role, maternity, the social condition of women in everyday life, and in space of the house, besides the subordination to man, if the is still conserved in the present day. As a theoretical framework, we used the studies about the origin of the short story genre and about the creation of the literary fiction characters, from Gotlib (2006), Cortázar (2008), Candido (2007), Brait (1985) Elódia Xavier (1998) and Heleieth Saffioti (2004) focused on the construction of patriarchal family relations and violence against women. We call attention in this context to the fact that the Studies of the construction of feminine identity contribute to demonstrate that the domain of patriarchalism remains alive in modern society and places women at different social levels in relation to men.

Keywords: Woman. Family. Domestic space. Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O CONTO.....	14
1.1 A personagem e o espaço.....	17
2 A SOCIEDADE PATRIARCAL.....	21
2.1 A mulher na sociedade.....	24
3 ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>: CONTO “UMA GALINHA”.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXO.....	39

INTRODUÇÃO

Desde o século passado, a produção literária sociológica passou a ser investigada, com o objetivo de analisar a construção da identidade do sujeito em relação ao mundo social que o rodeia. Um exemplo foi a produção crítico-literária da obra *Senhora*, de José de Alencar. Considerada uma obra de caráter social romântica, nela Alencar cria a personagem Aurélia como uma valorosa mulher, representante do mundo pensante de classe feminina. Desvalida pelo movimento capitalista é submetida ao convívio com os costumes sociais implantados na sociedade patriarcal e burguesa do século XIX. Aurélia torna-se manipuladora e vingativa, conforme a troca de interesses econômicos que ocorria nas relações entre os grupos sociais da época, como o casamento por dinheiro.

Na sociedade brasileira pós-moderna, com a vivência de um novo período político e cultural e junto aos processos de mudanças sociais que então surgiam, tais como a modernidade capitalista, os autores contemporâneos também acabam renovando o gosto pela literatura voltada para a inserção da mulher no mercado literário. Através de rumos inovadores em sua criação artístico-literária, tem se procurado representar em suas obras a construção da identidade do sujeito em um momento transitório de transformação da cultura brasileira.

Tendo como objeto de estudo o conto moderno denominado “Uma galinha”, contido na coletânea *Laços de Família*, da escritora Clarice Lispector, enviesando por esse sentido de inovação literária da geração de escritores modernistas de 45, este trabalho propõe-se a investigar, dentro da abordagem sociológica da Literatura modernista, como se dá o processo de construção da identidade do sujeito, sobretudo o feminino.

Ressaltamos de antemão que os estudos literários sobre a construção da identidade do sujeito feminino tornaram-se abrangentes e que escritores contemporâneos, principalmente Clarice Lispector, abriram espaço para escreverem sobre a formação do sujeito em diferentes gêneros da literatura, entre eles, o conto.

Em busca de um olhar reflexivo sobre o sujeito feminino em processo construtivo de sua identidade social, este estudo torna-se de fundamental importância no que diz respeito às questões sociais que envolvem a mulher na sociedade. Dois dos problemas sociais que atingiram as mulheres e continuam muito presentes são a “violência a mulher”, principalmente a doméstica, e a prática do “patriarcalismo”. Diante das perspectivas aqui

abordadas, o conto moderno utilizado como análise de *corpus* deste trabalho permite identificarmos as mudanças dos valores culturais feministas vividos pelas sociedades patriarcais, comparando-as com a sociedade atual brasileira em busca de possíveis diferenças ou semelhanças. Assim, podemos compreender melhor como era a condição social da mulher e também como se davam as relações familiares no espaço da casa em que eram obrigadas a viver durante o período cultural da época.

Percebemos, então, que o conto “Uma galinha” traz muitas questões cotidianas, as quais se referem propriamente à metáfora da mulher como um elo dos laços familiares. O universo da feminilidade é uma das marcas principais dentro da temática construtiva do sujeito em sua obra. Além disso, o conto oferece ao leitor um processo de desabafo da rotina diária feminina, a qual é vitimada por uma sociedade opressora e burocrática.

A personagem feminina do conto vive os processos de socialização familiar impostos dentro do espaço privado. Do mesmo modo ocorre com as mulheres que, ao mesmo tempo em que se debatem com os cuidados e afetos doados à família, deparam-se com as crises de repressão masculina, porém acabam mergulhadas em um violento aprisionamento da vida doméstica. Essa crise existencial que liga o mundo interior feminino em oposição ao mundo doméstico torna a vida da mulher debilitada devido, muitas vezes, às imposições e obrigações sociais que lhe são infligidas, como a obediência à família, o que não necessariamente ocorre ao homem. Isso acaba criando um paradoxo na cabeça feminina, uma espécie de desorientação de sua identidade perante a situação que vive dentro do próprio lar, visto que não é fácil viver presa a um sistema hierárquico de dominação. A inadequação da mulher fora do sistema patriarcal pode, portanto, gerar conflitos de violência doméstica.

Ressaltamos que o desenvolvimento desta pesquisa deu-se por meio de conhecimentos acadêmicos já adquiridos no Projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) em escolas públicas do agreste sergipano em parceria com a Universidade Federal de Sergipe. Durante o decorrer do projeto, trabalhamos questões socioculturais que envolviam as diferentes culturas, sobretudo a afro-brasileira, dando ênfase à temática da desigualdade de gênero, de etnicidade e de classes sociais. A violência contra as mulheres, em especial a doméstica, foi um dos temas centrais abordados nas escolas, com base na Lei 11.340/06, a Lei Maria da Penha.

Tomando como embasamento teórico os estudos argumentativos de Heleieth Saffioti (2004) e Elódia Xavier (1998), tornou-se possível analisarmos, neste trabalho, a

problematização da violência feminina e a visão da mulher na sociedade atual em oposição à sociedade patriarcal.

A partir desses estudiosos, observamos que, na sociedade pós-moderna, iniciaram-se as transformações a respeito da realidade social humana, devido à hierarquia em busca de poder de dominação social entre os indivíduos mais fortes e os mais fracos. Estamos falando do sistema patriarcal, que, segundo Saffioti, “É o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (2004, p. 44). Esse domínio de sujeitos modernos e dominadores sobre os mais fracos acarreta, conseqüentemente, a submissão da mulher ao homem e coopera com a desordem de igualdade entre ambos.

De acordo com Saffioti (2004), muitos privilégios sociais foram alcançados na sociedade atual pela classe feminina, porém o homem continua sendo mais privilegiado no meio social em relação à mulher. Isso porque nos encontramos inseridos em uma sociedade de culturas distintas e, por serem distintos, os valores e as crenças sociais também não são os mesmos das sociedades antepassadas, modificaram-se com o tempo. Nesse contexto, é importante estarmos sempre construindo e desconstruindo ideias, indo de encontro, por exemplo, às concepções machistas que foram transmitidas ao longo da nossa formação de vida e sociedade, já que passamos a viver em uma sociedade baseada em um sistema moderno e elitista.

Ressalva-se, por conseguinte, que as transições culturais e sociais ocorridas do período patriarcal para o moderno mexeram com valores tradicionais familiares construídos em outra época. A necessidade de a mulher também manter uma relação de interatividade e igualdade no meio social com os demais indivíduos, já que, na maioria das vezes, encontrava-se excluída em seu espaço familiar, acabou contribuindo para a construção de sua identidade enquanto sujeito feminino. Daí surge o desejo dos escritores de escreverem sobre a criação de suas próprias personagens literárias como seres fictícios autônomos, dentro do legado cultural moderno. São essas mudanças de valores culturais que Clarice Lispector questiona em seu conto como meio de refletir sobre o que mudou entre as duas tradições dentro do contexto familiar e o que precisa ser modificado na vida social das mulheres diante da sociedade moderna.

A fim de entendermos os paradigmas culturais femininos que perduraram durante a tradição patriarcal e moderna, procuraremos, no desenvolver da análise crítica do conto, responder às respectivas questões: Será que as mulheres do mundo pós-moderno ainda vivem essa rotina doméstica, assim como essa submissão aos maridos? O que mudou da tradição

patriarcal para cá em relação à tradição moderna feminina? Mesmo com algumas conquistas adquiridas em favor dos direitos da mulher, como permanece a vida social feminina em nossa época?

A nossa hipótese é a de que os estudos da construção identitária feminina podem contribuir com o leitor como um processo de reflexão social, uma vez que ainda vivemos diante de um mundo em que predomina a supremacia masculina. Infelizmente, a mulher não é tratada de igual para igual, pois é raro vermos os homens sendo submetidos às suas parceiras, ou tratando-as com igualdade; o que se vê, na maioria dos casos familiares, é as mulheres sendo agredidas e submetidas a eles.

No desenvolvimento metodológico deste trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica, tendo por objetivo explicar aspectos sociológicos e culturais baseados na criação literária. Desse modo, selecionamos como objeto de análise científica um conto moderno da escritora Clarice Lispector, qual seja, “Uma galinha”, o qual tornou-se *corpus* deste estudo e foi extraído da coletânea *Laços de Família*, composta de treze contos. A elaboração deste trabalho deu-se a partir do desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo de estudos bibliográficos que tendem a inserir a mulher no meio social não como um ser diferente, mas sim como um sujeito igualitário em face dos demais indivíduos. Entre os referenciais teóricos utilizados, contamos com o auxílio da teoria literária do conto, através de Julio Cortázar (2008) e Nádia Gotlib (2006), e da teoria literária da personagem de ficção de Beth Brait (1985) e Antonio Candido (2007). Além disso, outros estudos teóricos direcionados literalmente à construção da identidade feminina foram essenciais.

Já em relação à estrutura interna deste trabalho, utilizamos os seguintes mecanismos de composição: a primeira parte refere-se à introdução, na qual trazemos considerações acerca da temática desenvolvida no decorrer da pesquisa sobre a construção da identidade feminina na sociedade patriarcal e moderna. Em seguida, há dois capítulos, sendo que o primeiro contém uma breve contextualização sobre o conceito de conto enquanto gênero literário, haja vista que utilizamos o conto contemporâneo “Uma galinha” como objeto de nossa pesquisa. Discutiremos, além disso, sobre como se deu a origem histórica do conto, mais especificamente o moderno, atentando também para os demais contos da antiguidade. Logo em seguida, demonstraremos como se constroem o espaço e a personagem ficcional dentro do gênero literário mencionado. O segundo capítulo, por sua vez, volta-se para as questões sociais da submissão feminina e para as relações familiares implantadas na sociedade patriarcal. Além disso, trata das mudanças sociais conquistadas pelas mulheres,

através de suas grandes lutas travadas na sociedade, e dos problemas de ameaças e violências dentro das relações familiares. No terceiro capítulo, encontra-se a análise do conto “Uma galinha”, a partir da qual abordaremos aspectos relacionados ao gênero feminino e ao patriarcado. E, por fim, o trabalho apresenta suas considerações finais acerca da discussão proposta.

1 O CONTO

Como sabemos, existem diversos contos desde a antiguidade até o surgimento dos contos modernos. Para entendermos o que é o conto, mais especificamente o moderno e como ele surgiu dentro dos textos literários, tomamos como base teórica os estudos da teoria literária de Gotlib (2006) e Cortázar (2008). Em sua obra *Teoria do conto*, aquela escreve que:

O conto é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e uma só personagem principal contém um assunto cujos detalhes são comprimidos e o conjunto do tratamento é tão organizado que produz uma só impressão (GOTLIB, 2006, p. 60).

Nesse fragmento a autora nos dá a definição propriamente dita de conto, de maneira abrangente, englobando desde os clássicos aos modernos. Essas características atribuídas ao conto é o que o distingue das demais narrativas literárias. Segundo Cortázar (2008, p. 151), por seu turno, “Para se entender o caráter peculiar do conto, costuma-se compará-lo com o romance, gênero muito mais popular, sobre o qual abundam as preceptísticas”. Tomando esse sentido de comparação dado pelo autor, se compararmos os contos com outras narrativas literárias, a exemplo do romance, poderemos perceber que ambos possuem características específicas. Em resumo, depreende-se do exposto que os contos são textos mais curtos, cujo enredo vai se desenvolvendo em torno da personagem principal e causa uma só situação de tensão no leitor. Já os romances são textos mais extensos e produzem diversas situações em volta de várias personagens principais.

Gotlib (2006) explica que as narrativas literárias não possuíam essas características de especificidade, o que não delimitava o conto ainda como gênero. Em alguns períodos literários, apenas a classificação entre longos e breves era usada para diferenciar os gêneros uns dos outros. Assim, os gêneros literários possuíam uma mesma característica, a questão do limite da brevidade ou da extensão. Conforme aponta a estudiosa, “No século XIX, com o declínio do romance antigo, de reminiscências medievais, a novel preencheu o espaço disponível, perdeu as associações originais, deixou de ser breve, virou romance” (GOTLIB, 2006, p. 14).

Esse trecho nos mostra que as narrativas passaram a assumir o mesmo critério estrutural. A novela antes era breve, depois passou a ser longa, virando romance. Gotlib diz também que “Atualmente, romance é novela. Novela é novela curta. E conto é cuento” (2006, p. 15). Essa mistura de caracterização entre as narrativas causou discussões entre os

estudiosos acerca da teoria do conto, porque existem contos mais extensos e outros mais breves, ou seja, há contos que podem ser confundidos com a extensão estrutural da novela e do romance. No entanto, a autora em questão chama a atenção para “considerar que esta classificação também tem sua história” (GOTLIB, 2006, p. 14). Isso quer dizer que os contos, embora tenham apresentado em certo período literário alguma característica em comum com o romance ou a novela, não deixaram de ser contos, pois representaram as tradições culturais de um determinado período histórico. Além disso, os contos também atingiram o público leitor de sua época.

Mas o que de fato define o conto como um gênero literário? Em “Alguns aspectos do conto”, Cortázar afirma que “É preciso chegarmos a ter uma idéia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as idéias tendem para o abstrato, para a desvitalização do seu conteúdo [...]” (2008, p. 150). Partindo desse argumento do autor, é difícil termos uma noção concreta sobre o conto enquanto gênero literário, porque não devemos restringir seu conceito somente a uma narrativa breve, como já mencionamos. Essa única característica não é suficiente para diferenciá-lo das demais narrativas, haja vista que o conto possui outras características peculiares que o tornam um gênero, a saber: um episódio principal que provoca uma tensão, um argumento; temática central resumida; um só personagem principal, sendo que os demais são coadjuvantes. Segundo Cortázar (2008), essa tensão do conto se dá por conta da condensação do tempo e do espaço presente dentro desse gênero literário.

Gotlib mostra a teoria que, a seu ver, pode resumir de forma mais objetiva o conceito de conto, diferenciando-o do romance, afirmando que não devemos levar em consideração apenas essa questão da extensão. A estudiosa considera que

Existe uma diferença entre conto e romance que não é só de extensão, mas de natureza: o conto tem uma unidade de impressão, que o romance obrigatoriamente não tem. E por que tal unidade ocorre? Por causa da singularidade dos elementos que compõem a narrativa do conto: o conto é o que tem unidade de tempo, de lugar, e de ação. O conto é o que lida com um só elemento: personagem, acontecimento, emoção e situação (GOTLIB, 2006, p. 59).

Contudo, temos, nessa citação, a explicação de que o conto é composto por elementos únicos, isto é, apenas um conflito é focado, possui uma única personagem principal, produz uma só emoção, e assim sucessivamente. Portanto, seus elementos composicionais são singulares, unívocos e concisos. Ao contrário do romance, que pode apresentar uma pluralidade de elementos, por exemplo dois personagens principais e mais de um conflito principal. As características da fábula e do conto também podem se aproximar entre si, porém

as personagens da fábula são representados respectivamente por animais que falam como se fossem humanos. Esse detalhe específico das personagens da fábula o tornam diferente do conto.

Acontece que essa visão do conto como narrativa breve e possuidor de uma só unidade de impressão vai se perdendo e se distanciando, de acordo com as comparações e os conceitos dados pelos teóricos acerca de tal gênero. Assim, com o passar dos tempos, os contos foram sofrendo mudanças e dando origem a novos tipos de contos. Afinal, como ocorreu esse processo de evolução entre os contos? Como surgiram os contos? Qual a origem do conto? Gotlib afirma que, “Para alguns, os contos egípcios – os contos dos mágicos – são os mais antigos: deve ter aparecido por volta de 4000 anos antes de cristo” (2006, p. 6). Isso mostra que o conto é uma narrativa bem mais antiga do que imaginamos, o que justifica, como já citamos desde o início deste capítulo, a existência de uma diversidade de tipos de contos. No entanto, nos atentaremos mais ao surgimento dos contos orais clássicos até a transição dos contos modernos escritos.

O conto tem duas modalidades, uma oral e outra escrita. De acordo com Gotlib (2006), na antiguidade, antes da invenção da escrita, era uma tradição comum as pessoas contarem suas histórias oralmente para os familiares e amigos. Nesse período, temos a criação do conto oral, pois a contação dessas histórias não circulava de forma escrita e sim falada. Depois da invenção da escrita, esses relatos orais passaram a ser registrados de forma escrita, levando, com isso, à afirmação da tradição do conto escrito. Diante dessa concepção, Gotlib afirma que

Se o século XVIII exibe um La Fontaine, exímio no contar fábulas, no século XIX o conto se desenvolve pelo apego a cultura medieval pela pesquisa do popular e do folclórico, pela acentuada expansão da imprensa que permite a publicação dos contos nas inúmeras revistas e jornais (2006, p. 7).

Essa afirmação explica a origem histórica do surgimento do conto literário moderno. Temos a fase de transição entre os contos orais e escritos, pois as histórias que eram contadas de geração a geração social, a exemplo das pessoas mais idosas, passaram a ser registradas no século XIX pela escrita. Além disso, a evolução da imprensa também permitiu que a circulação desses fatos históricos chegasse atualmente até nós e nossos livros por meio das revistas e dos jornais escritos.

Diante do que expusemos sobre o conto, percebemos que são muitas as teorias criadas para se chegar à sua real definição como gênero literário específico. Muitos consideram o conto como uma forma de contar histórias antigas. Há ainda aqueles que acreditam que o conto

é um relato, oral ou escrito, de acordo com o perfil cultural da comunidade ou sociedade em que os escritores vivem, pois é na sociedade em que vivemos que recebemos os elementos que constituíram nossa identidade, tais como: crenças culturais, religiosas, valores cívicos e morais.

E talvez por isso os escritores de determinado período literário tenham desenvolvido seus textos de maneira que relacionem os fatos sociais enfrentados no momento vivido com a realidade presenciada em seu espaço cultural. Entretanto, Gotlib ressalva que “O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele realidade e ficção não têm limites precisos” (2006, p. 12). Isso significa dizer, pois, que ficção e realidade apresentam-se juntas dentro dos contos.

São vários os elementos que compõem o conto, porém, neste trabalho, passaremos agora a dar ênfase apenas à formação da personagem fictícia e à construção do espaço da personagem dentro do conto literário “Uma galinha”.

1.1 A personagem e o espaço

Sabemos que a personagem, nas narrativas literárias, é um dos elementos construtivos atuantes no desenvolvimento do texto. Conforme Brait (1985), a personagem é importante dentro do texto, porque ela configura uma relação entre a reprodução da realidade humana perante a visão social do mundo, com a criação da realidade do eu ficcional. Nesse sentido, a criação da personagem fictícia nas narrativas é um marco vivido pelos receptores e também pelos escritores como forma de capturar a realidade e os próprios valores pessoais de sua existência. Desse modo, os contistas e leitores revivem essa reprise fictícia da realidade por meio da aproximação do próprio texto. No tocante a isso, Brait afirma que “Não há distanciamento leitor-texto que possa refrear a emoção, por exemplo, quando em *Grande Sertão: veredas* nos defrontamos com Reinaldo Diadorim morta” (1985, p. 9).

Nessa afirmação a autora nos esclarece que muitas vezes confundimos as personagens de ficção presentes nas narrativas com a pessoa na vida real. Tomamos a história vivida por determinado personagem como se fosse verdadeiramente a nossa história, uma realidade de fato acontecida. Mesmo as personagens sendo criações fictícias, alguns leitores, no decorrer da leitura de uma obra, ou até mesmo assistindo a um capítulo de uma novela ou de um filme,

acabam, através da imaginação, se comovendo com os acontecimentos que estão sendo passados ao público-telespectador.

Tomamos como exemplo dessa sensibilidade causada no leitor o conto clariciano “Uma galinha”. Há momentos em que nos sensibilizamos com as personagens, por exemplo, quando a galinha é presa “Entre gritos e penas, ela foi presa” (LISPECTOR, 2009, p. 31) e a menina percebe que a ave pôs um ovo e pede para a mãe não mais matá-la: “- Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!” (LISPECTOR, 2009, p. 32). Nesse caso, o processo imaginário do leitor é o que o mantém sempre próximo do texto e lhe dá a sensação de estar presenciando uma realidade. Desse modo, o leitor reage de acordo com a emoção e não pela razão. O crítico Antonio Candido também afirma que

Boa parte dos leitores, porém, põe o mundo imaginário quase imediatamente em referência com a realidade exterior à obra, já que a objectualidade puramente intencionais, embora tendam a prender à intenção são tomadas na sua função mimética como reflexo do mundo empírico (2007, p. 42).

O crítico reforça mais uma vez a concepção teórica trazida anteriormente por Brait sobre os leitores que confundem o mundo fictício com o mundo empírico real. Candido explica que, embora a obra seja ficcional, a representação das personagens, dos objetos e das imagens será quase sempre tomada pelo leitor como uma forma verossímil da realidade. Isso ocorre evidentemente porque, dentro das obras literárias, a função da “mimesis” – termo trazido nos estudos da *Poética* de Aristóteles – é persuadir, impressionar o leitor através da imaginação, fazendo com que a confunda com a realidade. Candido ainda acrescenta que “A ficção ou mimesis reveste-se de tal força que se substitui ou superpõe à realidade” (2007, p. 29), ou seja, a mimesis possui total poder persuasivo capaz de nos fazer enxergar a presença da realidade nas personagens.

Brait (1985) mostra que os termos *pessoa* e *personagem* tornaram-se confusos de serem identificados nas narrativas. Com isso, vários estudiosos, influenciados pelo conceito de mimesis, surgiram dentro dos estudos literários, com o propósito de investigar a definição da personagem literária fictícia. A autora demonstra mais adiante em sua obra que essa concepção de personagem apareceu na Idade Média, por volta do século XVI até meados do século XVIII, embasada nos postulados de dois pensadores, Aristóteles e Horácio, e, a partir de então, isso moldou os rumos da chamada visão mimética.

Estamos falando do elemento mais atuante do conto, a personagem, o que seria, então, esse componente elementar dentro de uma narrativa? Para Candido, “a personagem é um ser

fictício – expressão que soa como paradoxo” (2007, p. 55). Esse paradoxo está atrelado ao jogo de capacidade que a ficção tem de imitar a realidade e esta, por sua vez, ser representada pela ficção. No conto “Uma galinha”, Clarice Lispector consegue trazer esse jogo de representação da realidade para dentro da ficção literária, através dos questionamentos sociais do mundo real da mulher.

A representação da mimesis nesse conto acontece mediante os conflitos do desequilíbrio psicológico que envolvem as personagens femininas. A galinha representa metaforicamente a classe das mulheres violentadas e submissas aos seus companheiros e que sofrem com o jogo cultural da sociedade patriarcal em que vivem. No entanto, o pensamento da personagem é tomado pelas regras e normas sociais de sua época como forma de obediência familiar dentro do seu espaço cotidiano. Vejamos, a seguir, como ocorre essa relação da personagem com seu espaço cotidiano dentro do contexto familiar.

Além da personagem presente no conto literário como um dos elementos atuantes, temos também o espaço em que essas personagens são criadas. No conto “Uma galinha”, as personagens femininas dividem o espaço cultural do cotidiano. Vivem em condições de “rainhas dos lares domésticos”, presas aos laços familiares. Os espaços da casa atuam não só como espaço de moradia, mas também como principal refúgio para se libertar dos problemas do dia a dia. Outras vezes esse espaço apresenta-se como um espaço de opressão, violência e servidão da rotina diária feminina, uma vez que a mulher geralmente vive presa aos cuidados da família e aos serviços domésticos da casa.

No conto, a galinha divide junto com uma família o mesmo espaço social, “a casa”. Observa-se que a principal personagem, a galinha, passava grande tempo de sua vida quase sempre na cozinha. Isso devido ao fato de a ave ter sido socializada a aceitar a condição do espaço da cozinha como um costume imposto pela família. Esse espaço aparece como um ambiente de cárcere privado, acomodação e perseguição, onde acontecem os conflitos familiares e a violência doméstica contra a galinha.

Num dia de domingo, a família decidiu matar o animal. Num pequeno instante, a galinha toma a iniciativa de fuga e, assim, alcança o muro do terraço. O espaço do muro surge como um espaço fechado, obscuro e cheio de obstáculos enfrentados pela personagem em busca de forças, por se encontrar presa a tentativas frustradas de desobediência daquilo que já lhe foi dado como condição social pela família. Nesse sentido, o muro é tido como um beco sem saída para o animal. Diante de um voo desajeitado, a galinha alcança outro espaço que parecia mais claro e livre, “o terraço”.

Essa rotina do cotidiano enfrentada dentro de casa vai tornando opressivo e submisso o espaço da personagem. A galinha, como se nota, vive num espaço de obediência e, ao mesmo tempo, de insegurança própria, responsável pela falta de imaginação psicológica. Ressalva-se também que no espaço da casa acontecia a troca de valores culturais hierarquizados, os quais eram transmitidos à família inteira, dos pais aos filhos. A galinha tenta romper com o espaço da casa em busca de um mundo livre, mas depois retorna às mesmas condições femininas preexistentes. Sem sucesso e desiludida de sua fuga, não realiza seu desejo pessoal de vida em liberdade, tomando para si que “E então parecia tão livre” (LISPECTOR, 2009, p. 31).

Notamos que a construção existencial da personagem literária dá-se de acordo com as condições sociais que lhes são atribuídas dentro do espaço vivenciado. No espaço cotidiano, onde habitam as personagens do conto mencionado, circulam os valores rígidos de um sistema familiar de forte dominação masculina sobre a feminina. Por conta dessas condições submissas referentes às personagens femininas, estas não conseguem criar também seu próprio espaço de independência como as personagens masculinas. Caem, com isso, em um mundo ofegante de tédio, de angústia e sem limite de sua existência. O espaço é, portanto, aliado à realidade patriarcal e colabora para a desarticulação da construção da identidade feminina.

No próximo capítulo, daremos continuidade a essas questões da submissão feminina e da tradição familiar como eram perpetuadas na sociedade patriarcal, apelando para as mudanças culturais ocorridas em relação à mulher e as que ainda continuam na cultura machista.

2 A SOCIEDADE PATRIARCAL

Não podemos falar de uma sociedade especificamente sem levarmos em consideração os valores sociais e culturais nela inseridos. No século XIX, as famílias e a mulher eram modelos de uma tradição cultural regida pelo domínio masculino. Era comum entre as famílias o homem dar ordens familiares à mulher e ela ter que lhe obedecer. Como já falamos no capítulo anterior, o espaço da casa era governado pelas mulheres, mesmo assim a classe feminina não tinha liberdade própria dentro do seu lar, apenas fazia o que os homens mandavam. Desse modo, a condição da mulher dentro desse espaço privado é de plena submissão.

Elódia Xavier, em *Declínio do patriarcado* (1998), mostra, em textos de escritores modernos, a temática da relação familiar voltada para a tradição patriarcal que recai sobre o feminino. As famílias vistas nas narrativas femininas modernas analisadas por Elódia Xavier são as famílias patriarcais hierárquicas regidas por regras e costumes sociais da época. Essas regras mantinham a mulher como a principal protetora da casa e dos laços familiares mediante a percepção masculina. Diante da imposição machista do homem, a mulher é colocada à mercê do ambiente familiar e dos conflitos de sua própria existência social. À medida que a mulher passa apenas a dedicar-se ao marido, aos filhos e aos afazeres gerais da casa, ela se esquece também de cuidar de si mesma, ou seja, não constrói um retrato fiel de sua identidade, por viver somente para o outro. No entanto, no período patriarcal do século XIX, cria-se um modelo específico de família, cuja relação entre maridos e mulheres segue os seguintes critérios familiares hierarquizados:

Neste modelo de família, homem e mulher se percebem intrinsecamente diferentes, e esta diferença se cristaliza em sinais visíveis como o tipo de roupa, linguagem, comportamento [...]. O poder do homem se apresenta como superior ao de sua esposa, esta superioridade se fundamentando em sua relação privilegiada com o trabalho fora de casa e no fato de que a expectativa de monogamia só é sistematicamente sustentável do homem em relação à mulher, e não vice-versa. (Figueira apud XAVIER, 1998, p. 31).

De acordo com a vigência social aderida pelo sistema familiar patriarcal referente à divisão do trabalho e de gêneros, observamos, nesse fragmento, que os espaços sociais estão divididos em privados e públicos. Ao homem, é dada a função do trabalho fora de casa, podendo frequentar qualquer espaço público. Dentro desse sistema patriarcal, também foi concedido, muitas vezes, ao homem o privilégio de, durante o casamento, sua parceira

relacionar-se apenas com o próprio esposo, ou seja, espera-se que a mulher jamais se envolva com outro indivíduo.

Diante dessa perspectiva social, Saffioti também salienta que “Um dos elementos nucleares do patriarcado reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa ao seu marido” (2004, p. 49). Já o trabalho da mulher é ligado somente ao espaço privado doméstico e, por vezes, dependendo da cultura em que esteja inserida, seu companheiro pode relacionar-se com outras mulheres. Um exemplo é a cultura indiana, na qual os homens são poligâmicos, podendo possuir várias esposas, porém, ao contrário, elas não podem possuir mais que um esposo. Ainda de acordo com Saffioti, “Observa-se que a fidelidade da mulher ao seu esposo deve ser eterna” (2004, p. 50). Por isso, é assegurada a prática monogâmica da mulher ao marido, para manter os valores morais da família preservados, partindo da visão de que a mulher é sempre responsável pelo bem social dos filhos, assim como pela educação familiar.

Em suma, para Xavier (1998), a responsabilidade do lar e de tudo de ruim ou de bom que aconteça dentro dele, fica sob o cuidado feminino. A casa, nesse sentido, só permanece apta para o convívio familiar porque a mulher faz todas as tarefas domésticas nela existentes. Para que isso ocorra, a mulher deve dar bons exemplos, assim como não trair seu companheiro, pois ser dona de casa exige ensinamentos baseados nos preceitos tradicionais cristãos, indicando que só assim ela pode desempenhar papel fundamental na vida estrutural da família.

De acordo ainda com o fragmento apresentado por Xavier, vemos que, dentro do regime patriarcal, a questão do adultério feminino, em uma relação familiar, sempre causou grandes polêmicas sociais, pois as consequências em maiores proporções recaem sobre a mulher. Saffioti relata também que, “Na época, uma mulher separada ou desquitada gozava de má reputação” (2004, p. 52). Isso demonstra que a mulher que fosse pega traindo seu esposo era muito humilhada e estereotipada pela sociedade, expulsa do convívio da família e até mesmo podia ter sua morte causada pelo esposo.

No fragmento mencionado por Xavier, também é mostrado que, nas relações familiares patriarcais, a questão do vestuário feminino era posta em vigor como regra social. A mulher deveria vestir roupas longas no intuito de não despertar interesses em outros homens. Enquadrar-se nos padrões sociais do sistema era obrigatório, a fim de conquistar a confiança do marido. As mulheres, notavelmente, não podiam fugir dos comportamentos regidos pela sociedade.

Xavier (1998) mostra ainda como é importante nas relações familiares o “destino de mulher” dentro do contexto familiar. A autora explica, em narrativas feministas modernas por ela analisadas, que ser mulher é viver as condições sociais priorizando a família. Um desses destinos atribuídos à mulher é o de tornar-se mãe. Na sociedade patriarcal, os valores cristãos da mãe também são postos como algo divino e sagrado, sendo comparados ao da Virgem Maria. Ser mãe era um ponto marcante na vida feminina, haja vista que uma mulher, como reprodutora, passava a ser vista com outro olhar de atenção e respeito dentro do convívio familiar. É a partir do momento da maternidade que o ser feminino passa a se tornar, de fato, “mulher”. Diante disso, a estudiosa em tela afirma que “Essas qualidades são fundamentais para o equilíbrio da mulher inserida no contexto familiar de formação religiosa” (XAVIER, 1998, p. 95).

Outro aspecto sociocultural questionado por Xavier (1998) é a ausência ou presença dos pais dentro do convívio da família patriarcal como um fator determinante para a construção da identidade dos filhos. A falta dos pais é apontada como causa de desestruturação e crise na relação familiar. A autoridade é dada sempre ao pai, pois seria ele o representante maior da família. A mãe aparece em segundo plano, caso queira tomar decisões nos respectivos papéis da casa e dos filhos. Considera-se, portanto, que “Essa família é bom que se diga continua patriarcal: a mulher ‘reina’ no lar dentro do privado da casa, delibera sobre as questões imediatas dos filhos, mas é o pai quem comanda em última instância” (Almeida apud XAVIER, 1998, p. 26).

Esse fragmento explica a dúvida que os filhos sentem no momento de decidir a quem obedecer, se ao pai ou à mãe, já que o pai sempre é dado como autoridade maior dentro da relação familiar. Saffioti também aponta que “ainda é legítimo afirmar-se que se vive sob a lei do pai” (2004, p. 56). Isso quer dizer que o pai continua sendo o chefe maior do lar familiar enquanto a mulher apenas obedece ao patriarca.

Como vimos, os valores sociais inseridos na sociedade patriarcal determinavam o modelo familiar hierarquizado. Essas questões sociais pertencentes ao homem e à mulher dentro do patriarcalismo familiar mostram a superioridade masculina em oposição à feminina. A mulher é sempre submetida à imposição da maioria das regras sociais, enquanto o homem sofre menos o efeito dessas imposições (ou não sofre), uma vez que, para ele, haveria a liberação. Portanto, mediante o que temos dito acerca desse processo de desigualdade de gênero, as mulheres das sociedades patriarcais passadas eram totalmente controladas,

socializadas e inferiorizadas às ideologias machistas, mas, mesmo assim, não questionavam o fato de não terem os mesmos direitos que os homens.

Veremos que, com o passar das décadas, mesmo sendo ainda poucas mulheres, algumas já passaram a tomar decisões por si próprias e a questionar mais sua liberdade social.

2.1 A mulher na sociedade

Há várias décadas, as mulheres vêm lutando pela construção de sua identidade no meio social, como afirma Saffioti ao observar as mudanças que vêm ocorrendo: “[...] como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação” (2004, p. 45). Sabemos que os movimentos feministas surgidos no Brasil por volta da década de 1960 contribuíram para que a mulher alcançasse seu espaço cultural, social e político. Através dos manifestos femininos, as mulheres travaram lutas e conquistas históricas que marcaram sua vida social. São lutas e reivindicações diárias por mudanças sociais, como, por exemplo, o fim da exploração do trabalho feminino e da violência contra a mulher.

Saffioti (2004) retrata o empoderamento do trabalho das mulheres nas fábricas durante a Revolução Industrial, diante da disputa do poder masculino. A classe trabalhadora feminina sempre foi colocada num patamar de subordinação ao ser dominada pela classe masculina. A participação efetiva das mulheres nos trabalhos industriais construiu-se pela desigualdade de gênero. Muitas delas eram obrigadas a trabalhar em condições desumanas de trabalho; além disso, recebiam menores salários comparados aos do homem. Saffioti afirma que “Mulheres que passaram a trabalhar em equipamentos planejados para homens tiveram que a eles se adaptar, com prejuízo, muitas vezes, da própria saúde” (2004, p. 76).

Desse modo, milhares de mulheres enfrentavam cargas excessivas de trabalho constantemente, sendo responsáveis pela edificação e construção da sociedade em muitos países. Diante de um trabalho considerado “escravo” e em meio aos maus tratos, muitas compartilhavam o sofrimento por conviverem com vários tipos de violência no trabalho. Em casos extremos, muitas não suportavam a rotina trabalhista e vinham a óbito.

A categoria feminina viveu, assim, sob o jugo de um longo processo histórico de dominação e explorações masculinas, e somente depois lutou pela construção de uma sociedade igualitária. Saffioti (2004) considera que, nas sociedades em geral, muito se tem

falado em direitos humanos e em democracia em prol do controle da violência feminina, portanto a estudiosa considera que

Ainda que seja recente sua defesa, mormente para mulheres, já se consolidou um pequeno corpo de direitos universais, ou seja, internacionalmente aceitos, em nome dos quais as mulheres podem ser defendidas das agressões machistas (SAFFIOTI, 2004, p. 48).

Isso mostra que já houve uma singela conscientização da sociedade diante das questões problemáticas que tomam as mulheres como seres humanos no meio social, embora muito ainda tenha a ser cobrado por melhorias de direitos iguais. No Brasil, graças a lutas feministas, a Lei Maria da Penha, por exemplo, foi implantada como uma ação afirmativa no combate à violência contra a mulher. Isso não significa dizer que a violência doméstica tenha acabado de uma vez por todas, pois ainda existem muitos casos de agressões. A criação da Lei 11.340/06 protege, sim, as vítimas não só da violência doméstica, mas também de outros tipos de violência, como a moral, a psicológica e a patrimonial, porém não é capaz de suprir totalmente as condições de vulnerabilidade em que as mulheres vivem, tendo-se em vista que, na maioria das vezes, as leis são violadas juntamente com os direitos humanos.

Com o passar do tempo, as mulheres deram passos importantes em relação à conquista também do espaço fora de casa. A inserção feminina no mercado de trabalho aumentou em vários setores profissionais, por exemplo, no cenário industrial, no cultural e literário e também no político, antes só permitidos ao homem. Junto a essas conquistas, veio também a questão da “dupla jornada de trabalho” incluindo os serviços domésticos. Mesmo trabalhando fora de casa, elas continuam cuidando das tarefas domiciliares, bem como dos filhos, ao chegarem do trabalho, nos feriados e nos dias de folga. Percebemos, com isso, em contrapartida, um maior acarretamento de tarefas desempenhadas pelas mulheres, que praticamente param somente para dormir e logo cedo acordam para iniciar uma nova batalha.

O conto “Uma galinha” traz apontamentos que mostram esses avanços sociais femininos. Entre eles encontra-se a luta pelo o “fim da violência contra a mulher”, tendo como referencia a personagem da galinha que foge em busca de liberdade e de outro espaço social menos apreensivo. Apesar do medo e tentativa frustrada de fuga a galinha não deixou de dar seu primeiro passo e voo desajeitado em busca de uma vida mais livre. São primeiras iniciativas como esta da galinha, que também ao serem dadas pelas mulheres, motivam as demais vítimas de maus tratos e trabalho escravo, a tomarem consciência de serem possuidoras dos mesmos direitos iguais à classe masculina e lutar por eles. Até mesmo de

criarem coragem de denunciar o agressor. Embora sabemos que, em pleno século XXI, existem ainda uma serie de mulheres submissas aos companheiros e acomodadas com os trabalhos domesticos, principalmente quando se tornam mães, assim como a galinha logo após a maternidade continuou boba acariciando o ovo. Essas mulheres infelizmente vivem sobre controle de práticas patriarcal e enfrentam a violência domestica de forma silenciosa.

3 ANÁLISE DE CORPUS: CONTO “UMA GALINHA”

O conto “Uma galinha”, inserido na coletânea *Laços de Família*, de 1960, da escritora Clarice Lispector, representa a vida cotidiana de uma família tradicional. Seu enredo gira em torno de uma família que resolve fazer um prato específico para o almoço. Como costume tradicional familiar, optam por matar uma galinha. Porém, ela consegue fugir. Logo após sua fuga, o dono da casa começa a perseguir a galinha até alcançá-la. A ave foi presa com certa estupidez e colocada na cozinha. De repente, põe um ovo. Uma menina, vendo a cena, sai aos gritos e pede para que sua mãe não mate mais o animal, pois que havia colocado um ovo. A galinha, assim, passa a viver junto com a família como um animal de estimação. Mas, anos depois, acabam matando-a e comendo-a.

Nesse conto, a personagem principal, uma galinha, aparece carregada de sentidos plurissignificativos, simbólicos e metafóricos, pois apresenta várias questões sociais e culturais visualizadas na realidade atual dentro do contexto familiar. Uma dessas questões sociais a que nos atemos trata da problemática da mulher aprisionada e perseguida na sociedade patriarcal e machista. Desse modo, Clarice Lispector, de forma simbólica, assemelha a figura da galinha à representação da violência doméstica feminina nas relações familiares. Isso porque, muitas vezes, a mulher também é perseguida e punida dentro do seu lar por tentar romper com o sistema patriarcal que é imposto a ela. Por isso, é interessante notarmos o fato de a galinha se encontrar presa ao espaço da casa, como no trecho “Desde sábado encolhera-se no canto da cozinha” (LISPECTOR, 2009, p. 30). E, ao tentar se libertar desse espaço de carceragem, ela é recapturada e tratada com brutalidade, sendo esse o ponto de partida do conto, uma vez que demonstra de fato que a galinha está sendo maltratada pelo dono. Os maus tratos podem ser melhor esclarecidos na seguinte passagem do conto: “Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência” (LISPECTOR, 2009, p. 31).

Para Saffioti, “A expressão violência doméstica costuma ser empregada, como sinônimo de violência familiar, e não tão raramente, também de violência de gênero” (2004, p. 44). Isso porque a violência doméstica é um tipo de violência especificamente ligada aos laços familiares, ocorrendo com maior frequência dentro do espaço de moradia da própria família. Contudo, nas relações familiares, as agressões de violência ocorrem também, frequentemente, por meio do mesmo parentesco familiar. De acordo com a mesma estudiosa, uma confusão familiar, por exemplo, pode acabar envolvendo uma família quase inteira em

atos agressivos. Por isso, violências domésticas e familiares são sinônimas, já que ambas estão interligadas entre si através do espaço e das vítimas, que são a própria família. No entanto, é pouco direcionada a utilização da expressão “violência de gênero” dentro das relações familiares, por não ocorrer somente com o marido e a mulher.

Desse modo, notamos que, em “Uma galinha”, predomina o tipo de violência “doméstica”, pois a personagem feminina da narrativa é agredida exclusivamente dentro dos arredores da casa em que habitava. Além disso, a violência familiar perpetuada pelo mesmo grau de parentesco também pode estar presente no conto no momento em que a filha e o pai se contrapõem à mãe e pedem para que não mate a galinha:

O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:
 - Se você mandar matar essa galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!
 - Eu também! Jurou a menina com ardor (LISPECTOR, 2009, p. 32).

Segundo Saffioti (2004), dependendo da maneira circunstancial em que a violência familiar é gerada, não se descarta a possibilidade de uma mesma família também se agredir fora do ambiente doméstico, nem tampouco que pessoas de consanguinidade distinta, isto é, que não sejam da mesma família, sejam atingidas violentamente pelo agressor que vive no mesmo espaço doméstico com elas.

Essas violências, que a mencionada estudiosa nos apresenta, são apenas as mais comuns, ocorridas dentro das relações familiares. Se pararmos para analisar as diversas violências que as mulheres enfrentam na sociedade, veremos uma quantidade extensa delas, haja vista que as mulheres sofrem violência psicológica, física, verbal, patrimonial, sexual, entre outras, pois, conforme Saffioti (2004), nenhuma delas ocorre isoladamente, ou seja, uma agressão física pode gerar uma nova violência, por exemplo, a psicológica.

Essa aleatoriedade entre as violências, em que a causa de uma é consequência de outra, é vista no conto quando temos a agressão física à galinha ao ser pressa e de imediato pôr um ovo. A cena leva a menina a uma desestrutura emocional e, caso a mãe matasse o animal naquele momento, poderia causar sequelas psicológicas na filha. A situação a seguir deixa isso mais claro:

Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:
 - Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem! (LISPECTOR, 2009, p. 31).

Esse acontecimento aproxima-se dos mesmos fatos sociais que ocorrem com as mulheres ao serem agredidas por algum tipo dessas violências mencionadas. Muitas delas, depois das agressões, passam a viver atormentadas ou até mesmo entram em estado de depressão, ao se lembrarem dos traumas a que foram submetidas pelos seus companheiros. Como salienta Saffiotti, “Os resultados dessas agressões não são feridas no corpo, mas na alma. Vale dizer feridas de difícil cura” (2004, p. 63). Além disso, o trecho do conto acima citado mostra também que, muitas das vezes, a violência doméstica e familiar acontece na presença da própria família. Os casais se agredem no meio dos filhos, os filhos agredem os pais, inclusive verbalmente e vice-versa. Isso porque, dentro do espaço das famílias, não se constrói mais tanto uma relação familiar com base no respeito.

Observamos, também no fragmento apresentado, o sentimento de compaixão que parte da menina ao pedir que a mãe não matasse a galinha. Isso acontece porque, em geral, somente outra mulher se compadece da situação das demais mulheres.

Ainda no conto, vemos que a galinha conseguiu fugir do seu espaço de aprisionamento, mas não obteve resultados positivos, uma vez que foi presa de qualquer forma pelo dono da casa, gerando a seguinte situação: “Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço” (LISPECTOR, 2009, p. 31). Esse “curto vôo” que a escritora retrata no conto é o voo da liberdade feminina. Apesar da tremenda batalha pela vida, a galinha consegue dar um “curto vôo”, mesmo sem saber se obteria vitória nessa corrida, e sem saber qual seria seu destino após sua fuga, como se lê em “Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça” (LISPECTOR, 2009, p. 30). E, quando a galinha consegue esse pequeno voo, a família fica surpresa, pois não esperava essa atitude inesperada do animal.

Contudo, para a sociedade machista, realmente é um acontecimento surpreendente quando a mulher consegue o mesmo objetivo social que o homem. A conquista feminina é vista, na visão machista, como uma ameaça ao poder masculino, então se espera que a mulher não reaja ao sistema de domínio do homem e que ela aceite as condições de exploração doméstica e opressão masculina dentro de seu espaço de vivência social. No início do conto, observamos que a galinha parecia aceitar toda a situação de submissão direcionada a ela e que encobria a realidade que estava vivenciando dentro do seu espaço de moradia. Só depois de algum tempo, a galinha se dá conta de que não aguentava mais todas as regalias domésticas naquele ambiente, o que é possível lermos no seguinte trecho:

Parecia calma. Desde sábado, encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio (LISPECTOR, 2009, p. 30).

Evidentemente, há mulheres que reagem, sim, ao sistema patriarcal e vão à luta, a fim de conquistarem direitos iguais, bem como acesso a qualquer tipo de espaço – público ou privado. Essas conquistas femininas de igualdade e liberdade social são possíveis na medida em que as mulheres tomam a iniciativa de dar também seus pequenos passos ou “voos curtos” em direção a suas metas e à construção de uma identidade própria.

Atualmente, surgem vários casos de mulheres que, assim como a galinha, lutam pela vida e tentam fugir das agressividades e condições de maus tratos a elas impostas, mas nem sempre conseguem essa liberdade, ainda que existam mulheres também que preferem silenciar ao invés de lutar pela sua libertação.

Saffioti (2004) relata que uma das questões pelas quais elas passam a não lutar mais pela sua liberdade está baseada no medo de uma maior violência. Quase sempre ouvimos em noticiários relatos de que parceiros inconformados com o término do relacionamento passam a perseguir de forma mais drástica suas esposas, o que pode acabar num maior grau de violência. No conto, vimos que a galinha, ao resolver sair de casa, passou cada vez mais a ser perseguida, como se lê em “A perseguição tornou-se mais intensa” (LISPECTOR, 2009, p. 30). Assim, se compararmos a situação de perseguição mais severa da galinha ao tomar a decisão de sair de casa à situação muitas vezes vivida pelas mulheres, veremos que são semelhantes, na medida em que, conforme Saffioti (2004), quando a mulher resolve sair de casa ou põe fim a um relacionamento, o homem torna-se mais eufórico.

O conto mostra que a galinha, após voar de dentro da casa para outros espaços com maior liberdade, passa a ficar inquieta, como se estivesse sem saber o que fazer da vida. Surge, então, um motivo de preocupação no seu caminho e passa a ficar confusa consigo mesma, questionando se havia tomado a decisão certa ou não ao sobrevoar e pensando no que poderia lhe acontecer caso fosse presa novamente pelo seu dono. Era como se ela sentisse que caindo nas garras daquele caçador o pior poderia acontecer, sua morte seria inevitável: “Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé” (LISPECTOR, 2009, p. 30).

Essa indecisão da galinha em seguir seu próprio destino é comparada também à situação da mulher quando fica em dúvida se deve sair de casa e não mais voltar após ser violentada. Segundo Saffioti (2004), muitas mulheres voltam a conviver no mesmo espaço de

violência, pelo fato de serem dependentes, isto é, não possuírem outra alternativa para sobreviver. Assim, ao serem dependentes financeiramente de seu parceiro, optam por se manter no espaço do agressor. Nesse caso, a relação, mesmo sendo de agressão entre os casais, torna-se necessária por conta das condições precárias da vítima. As mulheres dependentes sabem que, deixando seu lar, passam a enfrentar maiores dificuldades, como, por exemplo, de encontrar um novo espaço de moradia para se abrigar. Surge também a questão da disputa pela divisão da guarda dos filhos menores. Enfim, tudo isso gera maiores sofrimentos, inclusive a violência tende a aumentar em sua vida cotidiana.

Ao ser recapturada, a galinha volta para o mesmo ambiente em que foi ameaçada e, depois que põe o ovo, passa a morar com a família como se nada tivesse acontecido. Os riscos de vida que a galinha correu foram ainda maiores ao ser presa, pois ela já havia sido ameaçada antes da prisão de morte e antes de ser perseguida pelo morador da casa. Os maus tratos poderiam, nesse sentido, se repetir. Assim também acontece com as mulheres ao reatarem uma relação abusiva. Elas acreditam que o parceiro vai mudar seu comportamento agressivo e, por isso, acabam retornando ao mesmo espaço de violência. Em geral, a situação de violência acaba por se repetir ou talvez até se agrava ainda mais. Logo, a possibilidade de novas discussões entre os cônjuges pode surgir inesperadamente, assim como o voo da galinha.

Além disso, o sentimento de ódio do agressor pela vítima pode não ser esquecido com o passar do tempo. A punição da vítima pode ser mais severa e terminar em tragédia. Observamos, no conto, que, quando a galinha torna-se a rainha da casa, ela passa a ser tratada sem agressões. No que se refere a isso, Saffioti (2004) diz que nem sempre as mulheres devem confiar em seus parceiros, pois eles mudam seu comportamento de repente. É necessário, primeiramente, que se faça um processo de avaliação perante o agressor, e isso não é tão simples, porque nem todos estão dispostos a mudanças de comportamento.

O conto mostra que, antes da postura do ovo, a família considerava a galinha apenas um ser insignificante, sem nenhuma utilidade a não ser servir como almoço: “A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada” (LISPECTOR, 2009, p. 31). Também é assim na sociedade machista, uma vez que a mulher é vista apenas como um ser de servidão da família e da casa. Daí surgem os termos pejorativos atribuídos às mulheres e que são transmitidos pelas concepções machistas, dizendo que elas não servem para nada, a não ser cuidar das tarefas domésticas.

Quase sempre ouvimos expressões do tipo “não se deve confiar em mulher”, “melhor não contar com os serviços de mulher”. Trata-se de expressões ditas no meio social e que reforçam preconceitos e inferiorizam a mulher, colocando-a como um indivíduo diferente dos demais. Fala-se também que “lugar de mulher é na cozinha” e que “Mulher só serve para pilotar fogão”. A situação de prisão, os estereótipos e o menosprezo dados à mulher dentro do espaço da casa culminam com a violência, sobretudo a doméstica. Isso porque as funções domésticas desempenhadas pelas mulheres não são reconhecidas pelos seus esposos. Há homens que acreditam que o trabalho doméstico da mulher é um trabalho não muito pesado e que elas levam uma vida tranquila, sem ao menos perceberem o quanto elas trabalham de forma árdua todos os dias.

Esse outro trecho do conto retrata a questão da mulher usada como um estereótipo no meio social: “[...] esta não era nem suave, nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial” (LISPECTOR, 2009, p. 32). Constantemente, um dos termos pejorativos bastante utilizados na sociedade machista atual para se referir à mulher é “galinha”. Este termo, usado no sentido coloquial, surge como forma de estereotipar ainda mais a classe feminina. A mulher, nesse sentido expressivo, é revelada como um ser de fácil acessibilidade, pronta, por exemplo, para o mundo sexual masculino. Na realidade atual, são vistas como mulheres que não se valorizam, pelas quais os homens não devem guardar nenhum sentimento de respeito e compaixão. Portanto, esses ditos coloquiais surgem como uma ofensa às mulheres, ao se dizer coisas como “Aquilo era uma galinha”, “Exijo uma mulher de Respeito”. Na verdade, toda mulher deve ser respeitada, independentemente de sua orientação sexual, já que devemos tratar de igual para igual os demais seres humanos.

E quantas mulheres são tratadas pelos seus companheiros dentro do convívio familiar dessa forma ofensiva? São muitas mulheres que, em momentos de brigas, passam a ser ofendidas verbal e psicologicamente por expressões esdrúxulas como as já mencionadas. Isso evidencia que a classe feminina é também tratada como um mero objeto de satisfação sexual, passando a enfrentar diversas situações de violência nas relações familiares. A mulher que não serve para as utilidades da casa é vítima de espancamento, de preconceito e chega até a ser morta pelo seu parceiro. Logo em seguida, é trocada por outra companheira, assim como mostra esse outro trecho do conto: “Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma” (LISPECTOR, 2009, p. 31). Desse modo, enfatiza-se a ideia do preconceito direcionado à

mulher de que a maioria delas são fáceis para o sexo. Diante desse contexto, o homem machista tenta levar vantagem também no quesito sexual e violenta sua companheira, sobretudo porque sabe que pode encontrar outra mulher submissa como a anterior.

O conto termina com diversos estereótipos metaforicamente relacionados à mulher. No último parágrafo, enfatizam-se questões que tocam a sexualidade feminina, como em “Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos” (LISPECTOR, 2009, p. 33). A forma verbal “comeram-na” é portadora, nesse sentido, da expressão ideológica machista concernente a “comer o corpo da mulher”, enquanto “mataram-na” parte da visão da mulher morta após ser violentada sexualmente dentro do próprio espaço familiar. Por sua vez, “Passaram-se”, assim como os demais verbos, aparece no tempo passado para demonstrar que muitas mulheres são mortas, vítimas dos mais diversos tipos de violência, mas, com o passar do tempo, esses fatos são dados por esquecidos e despercebidos pela sociedade.

Além da questão da violência doméstica e familiar e dos estereótipos, essa narrativa trata de uma outra questão social, a saber, “a dominação do poder masculino”, que não deixa de estar presente no contexto da família como um indicador de violência. De acordo com Saffioti (2004), no seio das relações familiares baseadas na ideologia patriarcal, também existe a competição pelo poder de governar o território da casa. O espaço familiar é governado, na maioria das vezes, pelo homem. Assim, é impossível que não haja desavenças familiares em uma competição de poder hierárquico, visto que nem todos os integrantes de uma família concordam com a forma de administração do homem ao governar a casa, principalmente a mulher, pois ela não passa a ser vista como a rainha do lar, mas sim como se servisse como escrava.

Essas desavenças familiares culminam, por vezes, na violência doméstica. Isso porque a mulher também quer governar esse território, o que afronta o homem, pois, de acordo com a noção machista, é ele quem deve dominar toda a estrutura da casa. Mediante esse sentido de dominação do homem, Saffiotti afirma que “Tudo, ou quase tudo, ainda é feito sob medida para o homem” (2004, p. 76). Isso significa dizer que o homem, na maioria das vezes, ainda continua levando vantagem em relação à mulher em qualquer espaço social, não só no doméstico, embora a sociedade feminina atual esteja revertendo essa situação de dominação masculina. Muitas mulheres também criaram coragem em prol da luta por direitos iguais e assim passaram a ocupar outros espaços sociais importantes fora de casa.

No conto clariciano, o chefe principal, que dá ordens e toma decisões, é o pai. Constatamos que, quando a mulher resolve mandar matar o animal, sua decisão é

interrompida: “- Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida” (LISPECTOR, 2009, p. 32). Isso demonstra que a decisão tomada pela dona da casa não é válida, mas sim a do marido. O dono da casa, assim, é quem determina os serviços domésticos que cada filho deve fazer e ainda o que sua esposa executa no espaço doméstico.

Nessa narrativa, portanto, a mãe não tem voz ativa. Por mais que ela não concordasse com o pedido da filha e optasse por matar a galinha, ela jamais mataria devido ao fato de seu marido também ter decidido não mais matar a ave. O domínio da chefia masculina é forte na relação familiar, subestimando a mulher à total obediência. O conto mostra, com isso, a decisão logo após a fuga da galinha, sendo que a responsabilidade pela captura do animal fica por conta do homem: “O dono da casa lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente um esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha” (LISPECTOR, 2009, p. 30).

Isso nos revela que dentro de uma comunidade machista e patriarcal, quando acontece algo, o homem é quem tem o poder de resolver o problema, ou seja, é quem decide as coisas. Além disso, nas sociedades antigas, era natural para o homem ir caçar animais para se alimentar, enquanto a mulher só podia ficar em casa. No conto em questão, por sua vez, temos essa passagem que explica a função dada ao homem como caçador: “O rapaz, porém, era um caçador adormecido” (LISPECTOR, 2009, p. 31). Tal trecho enfatiza mais uma vez a questão da violência feminina e da dominação do homem diante da mulher. Simbolicamente, o rapaz que persegue o animal é caracterizado como um “caçador”, cuja força está provisoriamente adormecida, o que não acarreta fraqueza.

A função do caçador, como sabemos, é criar armadilhas para capturar e, às vezes, matar o animal. Isso ocorre com a galinha, quando ela tenta descansar um pouco da fuga: “Afim, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a” (LISPECTOR, 2009, p. 31). A galinha é vista, então, como a “caça” procurada para ser morta. Na relação familiar entre maridos e esposas, também vemos muitas declarações carregadas de ameaças de morte para a espécie feminina. A todo instante, milhares de mulheres em diversos países são vítimas de violência doméstica, sendo que os agressores, o mais das vezes, são seus próprios companheiros.

Notamos, num outro fragmento do conto, uma comparação entre os animais galinha e galo, na qual o galo aparece como superior e vitorioso diante de uma corrida: “Não vitoriosa como seria um galo em sua fuga” (LISPECTOR, 2009, p. 31). Mediante a leitura aqui proposta, é possível dizer que a mulher também é considerada não vitoriosa como o homem

em uma disputa de poder, pois é reconhecida a supremacia masculina de ser mais forte e resistente. Assim, Saffioti afirma que, “No plano da força física, resguardadas as diferenças individuais, a derrota feminina é previsível” (2004, p. 72).

O conto apresenta também uma série de características atribuídas à figura da galinha, mas que simbolizam a condição social da mulher na sociedade, como em “Era uma galinha de domingo” (LISPECTOR, 2009, p. 30). Nesse primeiro parágrafo do texto, temos uma expressão metafórica que caracteriza a galinha. Trata-se, no caso, de uma galinha específica para ser servida durante o almoço da família. Os adjetivos relacionados à personagem da galinha surgem como reconhecimento da realidade vivenciada pela mulher. Notamos, com isso, que Clarice Lispector usa a imagem da galinha em meio a esses adjetivos de forma implícita para denunciar a visão machista que a sociedade tem a respeito do feminino.

“Parecia Calma” (LISPECTOR, 2009, p. 30), assim a galinha é descrita no conto, ao que se acrescenta: “Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em sua fuga” (LISPECTOR, 2009, p. 31). No meio social machista, a mulher também é caracterizada como estressada, um ser de pouca paciência, devido ao fato de lidarem com várias tarefas domésticas durante o dia. Parecem até calmas, caladas, mas não são tão dóceis assim em determinadas situações em que reagem com estupidez.

No conto, a galinha, depois que pôs o ovo e a família decide não mais matá-la, “tornara-se a rainha da casa” (LISPECTOR, 2009, p. 32). O animal passa a ser visto não mais como uma galinha qualquer e sim como uma mãe, o que significa, portanto, que só passou a ter importância e ser valorizada no momento em que atua como uma espécie de mãe no cotidiano familiar. Isso se dá, do mesmo modo, com as mulheres quando se evidencia a valorização da mãe dentro da cultura cristã, principalmente porque a maternidade é tomada como o momento mais importante da vida da mulher, uma vez que as pessoas ainda são movidas por certo respeito e atenção na sociedade: “Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente” (LISPECTOR, 2009, p. 32). Trata-se, assim, de um ser gestante, que necessita de mais cuidados, passando a ser visto com um olhar mais humano: “Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha” (LISPECTOR, 2009, p. 32). Daí surge a tomada de consciência do dono da casa de não mais matar a ave, mostrando-se arrependido de suas agressões a um ser que se encontrava em estado de gestação: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” (LISPECTOR, 2009, p. 32).

A mãe é, portanto, o ser indicado para os cuidados dos filhos, reconhecida como protetora da família: “Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma

velha mãe habituada” (LISPECTOR, 2009, p. 31). A galinha sente-se na condição de mãe realizada, em estado pleno de felicidade, resumindo a mãe coruja que se sente completa ao lado do filho após o trabalho de parto, como sua vocação e missão: “Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solejava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo” (LISPECTOR, 2009, p. 31). Nesse contexto, a galinha metaforicamente aparece como mãe de primeira viagem, que continua encantada com o nascimento do filho.

Por fim, ressaltamos que os substantivos “apatia” e “sobressalto” surgem no conto para demonstrar que o animal permaneceu no espaço da casa nas mesmas condições de submissão que existiam ali antes de ser recapturada. Com isso, permanece assustada psicologicamente devido às sensações de violência que já havia sofrido: “Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a de sobressalto” (LISPECTOR, 2009, p. 32). Isso quer dizer que, mesmo após as reviravoltas, principalmente depois da maternidade, o conto mostra a mulher ainda presa ao sistema patriarcal e totalmente acomodada depois que se tornou mãe, lembrando-se dos tempos que ela já viveu e do que foi capaz de fazer dentro do espaço familiar: “e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente” (LISPECTOR, 2009, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para atingir os resultados de nossa análise, buscamos, num primeiro momento, reconhecer o gênero literário conto, sua origem e evolução, assim como dar ênfase tanto aos contos orais quanto aos escritos, as duas modalidades desse gênero. Dessa forma, apresentamos as características específicas do conto para demonstrar que esse gênero literário se diferencia dos demais. Verificamos ainda como se dá a construção da personagem e do seu espaço dentro do conto literário, concluindo que o espaço privado da personagem, sobretudo o doméstico, é a principal causa da desarticulação da identidade do sujeito.

No conto analisado, pudemos observar que a protagonista rompe com o espaço, vivendo em busca de sua liberdade interior. Essa liberdade – tão almejada – não se concretiza plenamente devido à interferência da família e dos próprios conflitos psicológicos que cercam os envolvidos. No entanto, a liberdade alcançada pela protagonista surge como uma forma de rompimento dos laços afetivos e dos valores familiares que unem os demais membros da família.

Isso parte da ideologia patriarcal, uma vez que a noção de que a família só se completa e só está bem na presença de todos os membros familiares é perpassada. Cabe, por isso, à personagem acomodar-se à condição feminina dos papéis sociais naturalizados, os quais lhe foram impostos, entre eles o “destino de mulher”, a partir do qual o ser feminino é visto como tendo sido criado para servir à família, viver para os cuidados da casa e dos filhos. Por isso, a protagonista continuou presa ao espaço familiar, em que ocorrem os conflitos e as repressões violentas e em que as regras patriarcais são ditadas muitas vezes em silêncio. Essas regras, por sua vez, são transmitidas à família e acabam interrompendo qualquer desejo do gênero feminino. Assim, Elódia Xavier afirma que “A ordem patriarcal anula toda e qualquer possibilidade de realização que não a inserida no contexto doméstico” (1998, p. 65).

Na cultura patriarcal, vimos também que mulheres e homens são dados pelo jogo da “caça” e do “caçador”. Esse jogo é o do poder masculino sobre o feminino dentro das relações familiares hierarquizadas, sendo que a mulher quase sempre é a perdedora e o homem, o vencedor. Evidentemente no conto esse jogo competitivo é visto durante a perseguição da galinha, na corrida pela vida o caçador conseguiu alcançá-la. Através da análise do conto, observamos também os valores culturais cristãos atribuídos à mulher após tornar-se mãe. De fato, esse é o momento em que a personagem consegue construir sua própria identidade em

meio à sociedade. No conto, ainda foi retratada a questão dos estereótipos que desvalorizam a mulher e dos adjetivos que a colocam num patamar de inferioridade em relação ao homem.

Verificamos ainda que, apesar das mudanças sociais ocorridas nas tradições familiares e das constantes transformações sociais que o patriarcalismo vem passando em determinadas décadas, muitas mulheres nos dias atuais ainda convivem sob o regime patriarcal. As mulheres permanecem abafadas pela rotina do trabalho, dessa vez fora de casa, mas não abandonaram as rotinas domésticas. Elas não deixaram de ser mães, donas de casa, esposas, por isso ressaltamos que, em plena sociedade moderna, encontramos ainda mulheres submissas aos seus esposos, principalmente dentro das culturas muçulmanas, nas quais o domínio patriarcal impera.

No decorrer do declínio da tradição patriarcal, as famílias passaram a conviver na presença de práticas familiares mais diferentes das antepassadas. Mulheres hoje já possuem seu próprio trabalho, são menos dependentes financeiramente, mas continuam a receber salários mais baixos em relação aos homens. Isso demonstra que o sistema patriarcal continua vitimando a classe feminina e que mudanças sociais mais severas são necessárias para que as mulheres alcancem a igualdade de direitos, sua liberdade plena, ainda que, como menciona Saffioti, “[...] o patriarcalismo [sic] dá sinais no mundo inteiro de que ainda está vivo e passando bem [...]” (Castells apud SAFFIOTI, 2004, p. 58).

Vimos também, por fim, que a violência feminina já afetava as mulheres desde o período da Revolução Industrial. As agressões, no entanto, ocorriam entre quatro paredes, ou seja, de forma silenciada. Isso significa dizer que a violência contra a mulher não só aumentou nos dias de hoje. A violência já se manifestava fortemente, porém a sociedade não tinha conhecimento público dos fatos agressivos por não serem divulgados. Assim como o conto mostra que antes da fuga a galinha já sofria agressões psicológicas tornando-se inconsciente por viver em um ambiente fechado e sem liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/brait-b-a-personagem.pdf>>. Acesso em 07 de Setembro de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antonio [et al.]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª edição, Rio de Janeiro, ouro sobre azul, 2006.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto** 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios). Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/2109402/nadia-battella-gotlib---teoria-do-conto>>. Acesso em 07 de Setembro de 2016.

LEI MARIA DA PENHA. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>>. Acesso em 12 de Abril de 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ANEXO

UMA GALINHA¹

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos. Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

— Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem! Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum

¹ Texto extraído de: LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009, p. 30-33.

tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga - e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho _ era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos. Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.